

EDUCAÇÃO: INCURSÕES NA ÉTICA E NO DIREITO

Oswaldo Freitas de JESUS
Universidade de Uberaba – UNIUBE

ABSTRACT

A educação escolar, ocupada, sobretudo, com a instrução (*Lehrung*), tem transferido a formação dos valores e condutas (*Bildung*) à família, igreja, empresa e até mesmo à mídia. Enquanto isso, os limites da conduta humana têm se alargado, à medida que a experiência no *Lebenswelt* permite a recomposição dos parâmetros da vida e da sociedade. O corpo humano que já foi templo sagrado e intocável, hoje é objeto de variadas intervenções. Mais recentemente, a célula-tronco surgiu como promessa na solução de antigos problemas da saúde e da vida. E ainda mais recente, a interrupção da gravidez, no caso de feto anencefálico, permitida, a partir de decisão do STF, promete embates entre a ética e o direito, redundando em questões bioéticas. Esse projeto de pesquisa propõe inserir essa discussão e reflexão dentro da agenda da educação escolar.

Palavras-chave: Educação, ética, direito, bioética e religião.

1 – JUSTIFICATIVA

O STF (Supremo Tribunal Federal) decidiu que a gravidez, cujo feto seja portador de anencefalia, pode ser interrompida, sem que seja caracterizada culpa ou crime por parte da mãe e do médico. Embora ainda não haja unanimidade quanto à precisão do diagnóstico, baseado unicamente na radiografia da coluna vertebral, o fato é que essa questão bioética não está resolvida de maneira contundente. Na esteira da anencefalia, virão delitos nessa sociedade que transgrede no trânsito, na política, no meio ambiente e em outros domínios. A garantia religiosa que antes evitava a transposição da ética para o direito, agora não impede mais que a anencefalia possa se tornar também eugenia.

Mais recentemente, o Conselho Federal de Medicina (CFM), admitiu o uso da diretiva antecipada de vontade. O denominado **testamento vital** pode ser feito por pessoas, cujas faculdades mentais sejam caracterizadas como normais. Esse dispositivo, vale esclarecer, pode ser utilizado apenas por portadores de doenças crônicas e terminais. Em resumo, hoje há atalhos para a dor e para o sofrimento, amparados por normas jurídicas e convenções médicas.

O ser humano, inteligente, livre e capaz de compreender sua própria biossocialidade, depende esforços múltiplos, para ajustar sua conduta a parâmetros superiores e universais, capazes de garantir validade a suas ações e rumo a todos aqueles que procuram se conduzir com retidão e alteza. A conduta ética é normalmente acompanhada da intenção de retirar ou não do outro aquilo que a ele pertence, inclusive sua integridade e seus bens, sem dizer de sua própria vida.

Aristóteles (2010) propôs que a conduta, ancorada em virtudes que conferissem a ela parâmetro de justiça, nobreza, generosidade, equilíbrio e temperança, fosse capaz de sustentar a vida íntegra do indivíduo na sociedade e, como consequência, sua felicidade. A ética eudaimônica aristotélica busca a felicidade do indivíduo no convívio social. Pragmática em seus anseios, ela condiciona a felicidade à prática das virtudes.

Kant (1980), em vez, buscou no fundo do baú da religião a garantia que oferecesse à conduta humana validade e universalidade. Em seu entendimento, nada seria superior à força da vontade, quando se tratasse da conduta ética. Ao moldar a própria ação com parâmetros universais e válidos para todos seus semelhantes, o indivíduo moderaria seu egoísmo, conferindo-lhe força social. Mas a garantia dessa conduta, ancorada na força da religião, encontra resistência na modernidade, já que a ética fundada na consciência moral-religiosa cedeu lugar ao direito positivo, como garantia da conduta adequada na vida em sociedade. Se a ética tem o poder de julgar subjetivamente, ela, contudo, não pune, por não dispor do aparelho do Estado, para privar o indivíduo da liberdade de ir e vir, como castigo pelo seu delito.

Mais sutil ainda são os parâmetros de valores que norteiam a conduta do ser humano na sociedade moderna. Em uma cultura marcada pela tecnologia e velocidade, os valores se fundem e refundem em pouco tempo, o que leva o indivíduo e a sociedade a perder referências e âncoras para sua conduta. Nesse cenário, Habermas (2004) propõe a ética discursiva, a qual, por ser dinâmica, permite a abertura através do diálogo sobre a natureza e os parâmetros dos valores, fundidos e refundidos na modernidade.

Aristóteles e Immanuel Kant não enfrentaram questões como aborto, eutanásia, eugenia, inseminação artificial e manipulação de células-tronco. Por serem inevitáveis essas questões, rejeitá-las de antemão seria pouco racional, mas aceitá-las sem reflexões críticas sobre sua complexidade e consequências seria ainda menos racional. Nesse sentido, os valores e as condutas, motivadas pela dinâmica da vida moderna, não ganhariam parâmetros fortuitos e irresponsáveis.

Singer (2009), um “utilitarista da preferência”, ou seja, um utilitarista que admite superioridade no ranque da vida para aquele que é “pessoa”, condimenta ainda mais tempero à questão da ética e bioética moderna, advogando a favor dos direitos dos animais, os quais, até então não entravam no enredo da vida contemporânea, senão para serem usados e sacrificados pelo ser humano. Em seu questionamento, não escapa à pergunta: em que sentido a vida humana é mais nobre que a vida animal? Ele lembra que cerca de dez bilhões de animais são sacrificados por ano apenas nos Estados Unidos e o número total da população de animais domesticados alcança o triplo.

1.1 - CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA CRÍTICA PARA ESSE DEBATE

Em meados do Século XX, surgiu na Alemanha a “Escola de Frankfurt”, dentro da qual, tomou corpo a “Teoria Crítica”, cercada ainda hoje de enorme prestígio. Como uma reação ao bipolarismo entre o capitalismo industrial e o socialismo autoritário, seus principais focos teóricos eram a racionalidade humana e a crítica das patologias sociais da modernidade (REPA, 2008, p. 163). Diferente dos iluministas, esses frankfurtianos duvidavam da capacidade racional como norteadora absoluta da conduta humana. Theodor Wiesengrund Adorno, Max Horkheimer, Jürgen Habermas, dentre outros, para não mencionar dissidentes como Peter Sloterdijk, variando de grau, lançam suspeitas sobre a racionalidade como base organizativa da cultura e da vida humana.

No período do Iluminismo, acreditava-se que a razão pudesse ser a juíza da conduta humana na vida social. Immanuel Kant, como já foi mencionado anteriormente, atribuía à vontade a função de ser o dínamo da conduta e razão prática seu juiz. Um tempo religioso, o Século XVIII podia dar à subjetividade toda responsabilidade pela conduta humana na vida social.

Se, por um lado, a ética, uma *episthème praktiké*, pode ser entendida como um conjunto de princípios e de asserções que definem e norteiam os valores e a conduta humana; por outro lado, a bioética pode ser entendida como o conjunto de asserções e de princípios ético-biológicos que orientam e balizam a prática médica. A ética pode ser normativa deontológica e normativa teleológica (hedonista e eudemonista). A primeira estabelece as normas da conduta e a principal referência é o trabalho de Kant (2008); já a segunda produz e guia condutas equilibradas em busca da felicidade e tem Aristóteles (2009) como seu principal representante.

Mas nos últimos 100 anos, a ética cedeu lugar ao direito positivo, permitindo que os indivíduos abandonem a busca interna e pessoal do autodomínio, por ser a lei um fator

externo e impositivo, inclusive teleguiada pelo estado com a punição e o castigo (HABERMAS, 2004). Do mesmo modo, os limites éticos estenderam-se e alcançaram os bioéticos, tornando parte do *menu* da modernidade questões complexas, tais como: eutanásia, aborto, inseminação artificial, genética biotecnológica, transgenia, transplante de órgãos, *bio-banking*, medicina regenerativa, bioética, entre outros tópicos importantes e controvertidos.

1.2 – A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO

Esses procedimentos e ações encontram resistências e racionalizações diferenciadas, dependendo do credo dos pacientes e da classe médica e de enfermagem. Dentre os muitos credos, cristãos luteranos e cristãos católicos têm opiniões e princípios diferentes, quando o assunto se refere a questões já deliberadas pelas suas igrejas. Nesse caso, não só a ética e a bioética funcionam como parâmetros para a ação médica, mas também a religião e crenças dos pacientes e dos parentes. Ética, bioética e crença religiosa podem influenciar condutas e decisões vitais do indivíduo.

Fiel ao seu fundador, Martinho Lutero, no século XVI, por isso mesmo mais aberto e muito mais flexível, um protestante luterano é menos vinculado às tradições institucionais, pois acredita na relação direta com Deus. Ao contrário, um católico fervoroso não dispensa a mediação da igreja com suas pesadas e morosas tradições. A Igreja Católica é uma instituição milenar, apegada à sua rica história.

O mundo social, estratificado na cultura, é o oxigênio de nossas consciências e, por isso mesmo, de enorme importância para nortear as ações que envolvem seres humanos. A par dele, entretanto, emerge também um mundo positivado, tomado pelo determinismo tecnológico que acredita não haver nada a ser feito, a não ser seguir com a avalanche da ciência e tecnologia. Ao se referir às ações governamentais para controlar o meio ambiente, v.g., Laughlin (2010, p. 2) diz “(...) unfortunately, this concern isn’t reciprocated. On the scales of time relevant to itself, the earth doesn’t care about any of these governments or their legislation. It doesn’t care whether you turn off your air conditioner, refrigerator, and television set (...)” Em outros termos, a ação humana seria irrelevante, qualquer que fosse sua intenção. Pouco restaria a ser feito, para minimizar os efeitos da ação humana no planeta.

Se esse determinismo positivista perdurasse, não haveria mais sentido para qualquer ação educativa, a não ser a preparação para o fim iminente da humanidade. Para aqueles que estão envolvidos com a educação, seria ainda mais trágico, pois, para que a educação, se não houver alguma perspectiva de reconstrução e superação dos limites e das aporias atuais?

2 – OBJETIVOS

Geral:

Investigar e refletir sobre o grau de interferência, exercido pela força ético-religiosa de pacientes e de seus parentes ou responsáveis, na determinação dos procedimentos médicos em situações limítrofes.

Específicos:

- a - Verificar se há diferença entre as convicções de cristãos católicos e protestantes com respeito à interrupção da gravidez de feto anencefálico;
- b - Verificar se o diálogo, entre médico, paciente, familiares ou responsáveis, pode auxiliar nas decisões e procedimentos médicos envolvendo a interrupção;
- c – Via relatório, disponibilizar para os alunos em formação médica a experiência desses profissionais, de modo a auxiliá-los em seu processo de preparação profissional.

3 – ASPECTOS METODOLÓGICOS

Como concepção teórico-metodológica, esta pesquisa INTERDISCIPLINAR tem enfoque qualitativo e como objeto de estudo a interferência ético-religiosa na decisão médica, relativa ao aborto, ou mais especificamente, à interrupção da gravidez com feto anencefálico. A estratégia de enfoque é qualitativa, pois, escolhida pesquisa na tipologia narrativa, procura compreender as impressões subjetivas de alguém que experienciou a dramaticidade de interromper uma gravidez de feto anencefálico e do médico que lidou com o caso. A matriz teórica da fenomenologia será utilizada, pois ela permite a análise crítica da subjetividade.

Paciente(s) e/ou responsável que tenha passado pela experiência de interrupção de gravidez por anencefalia será convidado a narrar sua experiência subjetiva de conviver os efeitos da ética e da lei, em razão do que entram na área de luz amarela da bioética. Nessas horas, a religião exerce seu papel, puxando a corda para o lado da ética e do dever religioso. Entretanto, a decisão do STF de permitir a interrupção da gravidez do feto anencefálico torna-se um consolo amaldiçoado pela religião.

A função do aluno, além de participar de um processo formativo para se tornar pesquisadores, será de ler o material teórico e dominá-lo; fazer comunicações sobre as questões bioéticas no curso de medicina na UNIUBE; participar das atividades do grupo de pesquisa; da aplicação do questionário; digitar o relatório e manter o banco de dados da pesquisa.

5 – CRONOGRAMA

01/01/2014	Desenvolvimento conceitual e metodológico do projeto
01/03/2014	Elaboração e aplicação de questionários
01/06/2014	Análise e discussão dos resultados
01/08/2014	Apresentação preliminar do relatório em Fóruns
01/10/2014	Elaboração do relatório técnico final
01/11/2014	Discussão dos dados da pesquisa no curso de medicina
30/12/2014	Encerramento dos trabalhos

6 – PARTICIPANTES

6.1 – Professor:

6.1.1 – Prof. Dr. Osvaldo Freitas de Jesus (Doutor em Educação)

UNIUBE/Uberaba

RG: MG – 14.656.917

CPF: 599.867.008-68

Endereço CNPq: <http://lattes.cnpq.br/7759144047860086>

Função: em equipe, propor projeto, tramitar projeto; organizar trabalhos; dobrar resultados esperados; colher via INTERNET material relevante referente à ética, bioética e religião que possa servir de contraponto a essa pesquisa; conduzir os trabalhos de modo a chegar ao resultado final, proposto pelo projeto; fazer relatório técnico final; compartilhar dados descobertos com outros profissionais da educação e da administração pública e privada.

6.2 – Alunos de Psicologia

Dois alunos do curso de psicologia da UNIUBE

Segundo período

Primeiro semestre de 2014

PIBID (este projeto será submetido ao PIBID 2013 de acordo com o edital n. 61/2013)

Função: A função dos alunos, além de estar em um processo formativo de pesquisa, será de ler o material teórico e conhecê-lo, fazer comunicações em seu respectivo curso na UNIUBE sobre ética e bioética, participar das atividades do projeto de pesquisa, ser parte ativa na

organização e no registro da entrevista, digitar o relatório, auxiliar na manutenção do banco de dados da pesquisa.

7 – LOCAL DO PROJETO NA INSTITUIÇÃO

7.1 – Sala de leitura do mestrado em educação da UNIUBE;

7.2 – Computadores disponíveis na mesma sala

8 – DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

O percurso civilizatório dos humanos, ainda que permeado de dúvidas, permite destacar alguns fatos importantes, a saber: a descoberta do fogo, a invenção da roda, o desenvolvimento de ferramentas, o aperfeiçoamento da moradia, a mudança na alimentação e nos costumes bem como a associação com os animais (MARCONI, 2005). Tudo isso permitiu o domínio dessa espécie que hoje comanda e ameaça o planeta. Mas um fato novo surgiu nesse percurso e dele não se tem certeza clara dos benefícios e dos malefícios. A associação dos humanos com a técnica e com a ciência apresenta dois lados: um eminentemente positivo e outro claramente negativo. A destruição do meio ambiente, v.g., seria um dos efeitos mais claros dessa nova associação do homem. O aquecimento global, o derretimento das calotas polares, as tempestades, a incidência de câncer de pele sobre as pessoas, a violência, entre outros fatores, parecem dar razão a filósofo alemão contemporâneo, Peter Sloterdijk.

As pegadas ecológicas mostram que o planeta está fornecendo aos humanos 20% acima de sua capacidade de provedor. A água potável, a energia não renovável e o solo agriculturável não resistirão às demandas das próximas décadas (MILLER, 2007, p. 9). Pior que essa sobrecarga imposta ao planeta é o impacto dos dejetos, lançados no meio ambiente. A cada ano da década de 80, foram emitidas 5,4 gigatoneladas de carbono na atmosfera (1 Gt = 1×10^9 t = 10^{12} kg, a massa de 1 km³ de água), proveniente de queima de fóssil e mais 1,7 gigatonelada, proveniente de queimadas de florestas. Desse total, 3,8 gigatoneladas não foram re-absorvidas pelo planeta. Sobre o déficit restante, não há explicação de seu paradeiro (PRESS *et al.*, 2006, p. 598).

Se a terra se formou há 4,5 bilhões de anos e a vida só apareceu há 3,5 bilhões, a trajetória dos organismos é muito longa. Sem pressa, pois o tempo da terra é geofísico e por isso contado em milhões de anos, os processos biológicos realizam infinitas combinações, de modo a permitir que os organismos consigam sua autonomia. A descoberta do DNA confirma

o detalhamento e a articulação global de variáveis na constituição do organismo. A vida é um projeto minucioso, capaz de se monitorar e de se corrigir em vista das necessidades novas.

Ao crescer de maneira exorbitante (no nascimento de Cristo, estima-se, havia cerca de 100.000.000 de habitantes na terra e hoje há 7.000.000.000) e suas pegadas exorbitarem a capacidade do planeta, fica claro que a racionalidade científica e técnica, festejada pelo Iluminismo, está falida. Sloterdijk (1994) chega a dizer que a Teoria Crítica esteja morta, exatamente por não ser crítica bastante, para diagnosticar as patologias da sociedade moderna.

Sloterdijk (2000) sugere mesmo a necessidade de se criar uma nova ciência: a **antropotécnica**. Ele mostra que o *homo sapiens* tirou grande proveito de sua associação com os animais por volta de 30.000 anos atrás, mas chama a atenção para o fato que a associação com as máquinas modernas pode produzir efeitos colaterais indesejados. Sua importante e recente obra, “Sphären” procura descrever o trajeto monumental dessa espécie que hoje chega a 7 bilhões vivos nesse planeta ameaçado, mas que é incapaz de separar os interesses próprios dos interesses coletivos, ou pior ainda, separar os interesses locais dos interesses globais.

Escrita em um alemão admirável, “Sphären” faz lembrar “*Also Sprach Zarathustra*” de Friedrich Nietzsche, aquele para quem a língua era um ofício de artesão. O pleno domínio da linguagem, inclusive das mazelas das construções de estilo, permite a Peter Sloterdijk dar-se ao luxo de entreter, enquanto faz pensar e refletir sobre a evolução da humanidade e sobre a gravidade dos problemas do mundo.

Em “*Blasen*”, já aparece sua primeira proeza digna de atenção. Para os estudiosos dos textos bíblicos, certamente a lembrança de Javé, criador do homem, é muito ilustrativa. Trabalhando como artesão da argila, ele forma a criatura e lhe sopra, dando-lhe vida. O artesão ceramicista da Mesopotâmia, então bastante evoluído em seu artesanato, a ponto de dar vida à sua criação, ao assoprar sua obra, dá-lhe vida e espírito (SLOTERDIJK, 1998, p. 33). Nesse sentido, a narrativa da criação seria um ato cultural. A alma, ou o sopro dado por Javé em sua criatura, era o selo da perfeição de sua obra. A divindade não escaparia à temporalidade da cultura mesopotâmica.

Atento à história, ou mais precisamente, à antropologia, “Sphären” apontam para circunstâncias aparentemente pouco importantes que marcaram o desenvolvimento dos antepassados do homem. Por exemplo, o aparecimento do casal, da família, da casa e da vila, tudo isso fez que a comunicação e a solidariedade tornassem um *modus vivendi* da nova espécie. Mais ainda, ele pondera inclusive que a experiência da caverna levou o *homo sapiens* a juntar-se, para sobreviver às intempéries do meio ambiente. Mais adiante, Sloterdijk (1998, p. 101) mostra o quanto o “coração” (cor, cordis) dominou a cultura medieval.

Concordar, discordar, aprender de cor e agir cordialmente são palavras e expressões que demonstram a força desse órgão da circulação, então concebido como centro da racionalidade e dos sentimentos. Mesmo Aristóteles acreditava que o coração se prestasse a outras funções, v.g., a de refrigerar o sangue no corpo. Em sua obra de cavalaria “*Herzmaere*”, o poeta Konrad von Würzburg (1287 AD) delega ao coração guardar o amor do cavaleiro pela dama. Embora não pareça um fato importante, essa postura cognitiva tinha implicação na concepção do conhecimento. Em outros termos, a racionalidade não tinha autonomia completa na Idade Média, pois a fé não poderia ser explicada apenas pela razão.

O Século XX está marcado pelos avanços científicos e tecnológicos. O ar condicionado, v.g., entrou como complemento do bem estar no meio ambiente em Nova York em 1880 e tornou-se elemento constituinte do mobiliário da maioria das residências em 1980. Nesses 100 anos, ele conquistou a maioria dos lares, escritórios, espaços públicos e fábricas.

O progresso tecnológico permitiu o surgimento de um novo modo social de convivência: a justaposição social. As pessoas estão juntas umas das outras, mas todas ausentes umas das outras à semelhança de bolhas na espuma. Com o celular nas mãos, pessoas falam umas com as outras, mas raramente com a pessoa que está vizinha. A linguagem tem se tornado uma cadeia de sons, vazios de ideias e valores, pois as falas se colocam contextos artificiais de comunicação. Mais ainda, a fala não alcança mais a intersubjetividade. As pessoas só ensaiam falar com franqueza de seu mundo pessoal, se movidas por alguns miligramas de alguma substância relaxante.

O desenvolvimento recente da biologia celular pode ilustrar a metáfora da espuma (SLOTEDIJK, 2004, p. 51). Os componentes da DNA, na cadeia proteica, estão justapostos e coordenados a um plano estrutural orgânico maior. O sistema predomina sobre os elementos que o compõem. A tese do sistema parece poder confirmar sua hegemonia (LUHMANN, 1983).

Nas mãos de Peter Sloterdijk, conhecimentos se aproximam e se fundem, ganhando expressão cultural tanto na antropologia, filosofia, na arte, na religião, na economia e na ciência. O desenvolvimento do homem e da cultura segue em frente, mas sem ter um norte certo a alcançar. Registradas ficam as pegadas humanas no meio ambiente e na cultura.

A bioética, nesse contexto, procura oferecer seu contributo, mas está imersa nos problemas da modernidade. Sem raízes profundas na ética, impulsionada pela indústria da saúde e obrigada a agir rapidamente, ela tem dificuldades para acompanhar a avalanche de ciência e de tecnologia atual.

Por um lado, a bioética considera o progresso da ciência e da tecnologia moderna; por outro lado, ela observa o esforço de instituições, p. ex., as igrejas e os tribunais da justiça que não arriscam um palmo além da tradição que defendem. Von Zuben chega mesmo a dizer:

Constata-se, assim, no pensamento bioético uma clivagem, uma fenda entre duas posições: uma ética de controle autoritário sobre as pesquisas e suas aplicações, procedendo por interditos sumários; de outro lado, uma ética da argumentação (corrente forte nos Comitês de Bioética europeus), visando, por meio de discussões em vista de algum consenso provisório sobre normas, esclarecer as decisões no campo biotecnológico e bio-médico, ou limitar o recurso a certas técnicas (von ZUBEN, 2008, p. 220).

Atropelada pelo empuxe da ciência e da tecnologia, os profissionais da medicina encontram-se entre o fogo cruzado da modernidade e da tradição. Uma tarefa difícil, mas muito importante na atualidade. Como rejeitar a pesquisa com células-tronco e não considerar o bem potencial que ela pode trazer àqueles que são portadores de necessidades especiais? Como não ouvir a voz da tradição, se ela sustentou os valores éticos da civilização ocidental?

Há 30 mil anos, os antepassados do homem, tudo indica, associaram-se aos animais e formaram uma parceria que foi extremamente favorável para o desenvolvimento dessa espécie que dominou o planeta. Cães, gatos, cavalos, vacas, cabras, galinhas e outros animais aprenderam o jeito humano de ser e se humanizaram. Mais recentemente, o homem se associou de novo, mas não a animais e sim a máquinas. Sloterdijk (2000) sugere que seja criada uma nova área na antropologia, para cuidar dessa nova associação do homem: **a antropotécnica**. A técnica vale dizer, seria neutra. O problema, entretanto, se coloca, quando a tecnologia é utilizada para fins degradantes do planeta e da vida. Na bioética, encontram-se esses prós e esses contras e, por isso mesmo, ela é controvertida.

O dilema e a angústia, enfrentados pelos profissionais de medicina e pelos pacientes, parentes ou responsáveis, nesse mundo dominado pela ciência e pela técnica, merecem ser estudados e refletidos, visando transferir experiências significativas, sobretudo para aqueles que estão ainda no período de formação profissional. A questão ético-religiosa pode ensejar transtornos onerosos para a prática médica no dia a dia.

9 – RESULTADOS ESPERADOS

De uma pesquisa narrativa com enfoque qualitativo e interdisciplinar, pode-se esperar vários produtos acadêmicos. O principal deles e certamente o mais imediato, sem dúvida, é um relatório/artigo final, a ser apresentado em eventos acadêmicos de educação, de modo a divulgar os resultados obtidos. Outros fatos seguem na esteira dos resultados, a saber:

- a - informação e conhecimento da correlação entre educação, ética, bioética e crença religiosa, tratando-se de questões vitais para a vida humana na atualidade;
- b - fomento e desenvolvimento de pesquisa interdisciplinar no Curso de psicologia da UNIUBE em Uberaba;
- c - aproximação das áreas de educação e psicologia com as áreas de filosofia (ética) e religião.

Referências

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. António de Castro Caeiro. São Paulo: Editora Atlas, 2009.
- BELSHAW, C.; KEMP, G. (Orgs.). **Filósofos Modernos**. Trad. José Alexandre Durry Guerzoni. Porto Alegre: ARTMED, 2010.
- BITTAR, Eduardo C. B. **Curso de Ética Jurídica: Ética Geral e Profissional**. 6. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2009.
- FURROW, Dwight. **Ética: Conceitos-Chave em Filosofia**. Trad. Fernando José R. da Rocha. Porto Alegre: ARTMED, 2007.
- HABERMAS, Jürgen. **Comentários à Ética do Discurso**. Trad. Gilda Lopes Encarnação. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- _____. **Direito e Democracia**. Trad. Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.
- HECK, José n. Principalismo Bioético: A Posição de Dworkin sobre o Aborto e a Eutanásia. **Ethic@** - Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 217-237 Dez 2007.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad. Emanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- HOSSNE, W. S. O Poder e as Injustiças nas Pesquisas em Seres Humanos. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 7, n. 12, p. 55-70, fev. 2003.
- HUSSERL, Edmund. **A Fenomenologia**. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2000.
- KANT, Immanuel. **Kritik der Praktischen Vernunft**. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1980.
- LAUGHLIN, Robert B. What the Earth Knows. **American Scholar**, 2010. Disponível em <http://www.theamericanscholar.org/what-the-earth-knows>, acesso em 25 de setembro de 2012.
- LUHMANN, Niklas. **Sociologia do Direito**. Trad. Gustavo Bayer. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983, v. I e II.

MARCONI, M. de A.; PRESOTTO, Z. M. N. **Antropologia: Uma Introdução**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2005.

MILLER, G. Tyler. **Ciência Ambiental**. 11. ed. Trad. All Tasks. São Paulo: Thomson, 2007.

NOBRE, Marcos. (Org.). **Curso Livre de Teoria Crítica**. Campinas: Papyrus Editora, 2008.

REPA, Luiz. Jürgen Habermas e o Modelo Reconstutivo de Teoria Crítica. In: NOBRE, Marcos. (Org.). **Curso Livre de Teoria Crítica**. Campinas: Papyrus Editora, 2008, p. 161-182.

SINGER, Peter S.; VIENS, A. M. (Eds.). **The Cambridge Textbook of Bioethics**. Cambridge: The Cambridge University Press, 2008.

SINGER, Peter. **Ética Prática**. 3. ed. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SLOTERDIJK, Peter. **Critique de la Raison Cynique**. Trad. Kans Hildenbrand. Paris: Christian Bourgois Éditor, 1984.

_____. **Sphären: Blasen**. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1998. v. 1.

_____. **Sphären: Globen**. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1999a. v. 2.

_____. **No Mesmo Barco: Ensaio sobre a Hiper-política**. Trad. Cláudia Cavalcanti. São Paulo: Estação Liberdade, 1999b.

_____. **Regras para o Parque Humano: Uma Resposta à Carta de Heidegger sobre o Humanismo**. Trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

_____. **Sphären: Schäume**. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2004. v. 3.

VON ZUBEN, Newton Aquiles. **Bioética e Tecnologias: A Saga de Prometeu e a Esperança Paradoxal**. Campinas: EDUSC, 2006.